

Projetos: entre os valores individuais e os valores fusionais

“A manutenção de uma identidade individualizada estaria embrionariamente implicada num amor que valoriza a especificidade, a troca, a negociação construída em pé de igualdade, numa permanente construção de <<vários sentimentos>> em simultâneo. Neste sentido, a individualização faz parte inalienável do laço conjugal, permeando, desde logo, o desafio que é a integração numa vida a dois. E, mais tarde, numa vida de família.”

(Sofia Aboim)¹

A passagem acima retirada da obra de Aboim (2006) reflete sobre a questão da individualidade, da particularidade de cada membro do par amoroso, que é preservada na relação amorosa através da ingerência de variáveis como reciprocidade, troca, simetria, negociação e igualitarismo. Esse traço, que perpassa grande parte dos ideais de parceria amorosa no mundo contemporâneo, permite que a integração do casal e os objetivos projetados em comum coexistam com as intenções e projetos individuais de cada um. Naturalmente, algumas situações e contextos revelam a oposição latente que essa convivência de parâmetros de escopos diversos pode guardar. Quando os desejos pessoais se sobrepõem aos do casal pode emergir uma situação conflituosa, capaz de levar à dissolução do laço. E, muitas vezes, não se trata de uma questão de conflito, mas simplesmente de escolha dos indivíduos em favor de seus planos individuais, que se tornam mais importantes que a própria existência da relação. A situação oposta, em que os valores fusionais são privilegiados em detrimento dos particulares também pode ocorrer, embora esta seja menos perceptível hoje entre as camadas médias do que durante o período moderno. Aboim, contudo, fala justamente da importância sincrônica e simétrica que esses dois paradigmas adquirem na

¹ Cf. *Conjugalidades em mudança: percursos e dinâmicas da vida a dois*. Lisboa, ICS, 2006.

construção do relacionamento. Eles podem assumir um valor proporcionalmente igual, e até coexistir harmonicamente, desde que sustentados por alguns elementos que reafirmem a igualdade de direitos dos membros do casal. No caso específico de nossa pesquisa, mesmo entre casais que defendem uma diferenciação mais acentuada dos papéis de gênero, encontramos uma valorização do igualitarismo, uma ênfase num padrão contrário a qualquer forma ou expressão hierárquica no interior do relacionamento do casal. Ainda que a autora se refira, no trecho usado como epígrafe, aos laços conjugais, que incontestavelmente se diferenciam dos de namoro, suas reflexões se enquadram bem dentro das visões que auferimos das entrevistas.

Essas questões introduzem alguns pontos importantes para pensarmos os temas deste capítulo: os projetos pessoais e comuns do casal. Tentaremos sintetizar alguns aspectos do projeto contemporâneo de parceria amorosa tal como observado nas entrevistas que realizamos. Este comporta não apenas os objetivos do casal, mas também os de cada indivíduo. Procuramos questionar os entrevistados a respeito do projeto profissional individual e dos projetos presentes e futuros do casal, buscando entender como ocorre a integração entre valores que privilegiam os interesses do par amoroso e os que preconizam os interesses pessoais. Há um privilegiamento das qualidades fusionais, ou individuais, do romantismo ou do pragmatismo, da idéia de “unidade-casal” ou de indivíduos independentes e auto-suficientes²? Seria a relação entre esses ideais necessariamente conflituosa? Estaria o relacionamento amoroso subsumido pelos desejos pessoais? Essas foram algumas questões que nos colocamos, e que procuramos responder a partir dos dados das entrevistas. Adicionalmente a esses questionamentos, pretendíamos entender quais os mecanismos relacionais que derivam desse balanceamento.

Na primeira parte do capítulo, traremos alguns dados relacionados ao cotidiano relacional dos casais, que demonstram como os informantes dividem seu tempo e dedicação entre o namoro/parceiro amoroso e os objetivos individuais, sobretudo profissionais. Na segunda parte, discutiremos as funções

² A expressão “unidade-casal”, utilizada por Salem(2007), traduz um dilema do relacionamento amoroso de caráter igualitário, representado pela fórmula unidade com dois. Esse ponto é importante para este trabalho, na medida em que pretendemos discutir o contexto dilemático em que os valores individuais e do casal muitas vezes disputam espaço nas escolhas pessoais de cada membro do par.

próprias que o projeto profissional adquire na vida dos indivíduos entrevistados, e as escolhas que são feitas a partir dele. E na parte final, o foco residirá sobre a idéia de projeto ou plano comum do casal no presente e no futuro. Nesta parte, tentaremos compreender o quanto essa construção comum de projetos é importante para o conteúdo relacional do namoro, e qual o papel que ela assume na lógica interacional deste. Buscaremos nos ater menos a particularidades contidas nos depoimentos, e mais a padrões expressivos e recorrentes que estes encerram.

5.1.

O cotidiano da relação de namoro

Quando questionamos o grupo a respeito do cotidiano da relação de namoro, entendemos que, por se tratarem de casais que vivem em casas separadas, naturalmente o tempo de convivência e de dedicação à relação seria menor do que em uma situação de casamento/coabitação. Esse fato foi confirmado, inclusive através da comparação que os próprios informantes fizeram entre o contexto do namoro e o contexto do casamento. Ficou claro também que, recorrentemente, o pouco tempo que era dedicado ao parceiro e à relação não se devia exatamente a uma questão de escolha de vida, mas de uma opção momentânea e conjuntural. Principalmente entre os casais mais jovens, ou nas profissões que proporcionam menor estabilidade, o investimento maior nas metas individuais e profissionais era apresentado como uma questão de momento de vida, e não de objetivo principal de vida. Uma outra questão trazida pelos informantes diz respeito à idéia de preservação do próprio espaço e do espaço do outro, que deve ser resguardado com maior intensidade no namoro, já que, no casamento, a privacidade e a própria individualidade são, até certo ponto, subsumidas. E para que essa atitude menos invasiva entre o casal se sustente, é necessário que elementos como confiança e respeito sejam qualidades consistentes da relação.

5.1.1.

A relação distância/proximidade

Uma questão fundamental se destacou do discurso dos informantes quando o assunto foi o cotidiano do namoro: a relação distância/proximidade. A partir desse tema espontaneamente abordado pelo grupo, produziu-se uma série de impressões acerca de situações como autonomia, liberdade, renúncia, dedicação a si e ao parceiro amoroso. Essas questões revelaram de que maneira o namoro enfatiza um desbalanceamento a favor da individualidade. A falta de tempo para a dedicação ao parceiro e à relação amorosa é um dos primeiros sintomas desse quadro. O trabalho e a carreira demandam, no contexto contemporâneo, um investimento intensivo por parte dos indivíduos, que encontram nas aspirações profissionais, para além dos incrementos materiais, uma fonte de enriquecimento pessoal. Deixaremos, contudo, para abordar mais profunda e minuciosamente a temática profissional na próxima parte do capítulo. Por ora nos concentraremos na moldura construída pelos informantes em torno da relação distância/proximidade, estabelecida a partir do cotidiano de vida dos namorados, e das respostas que o casal encontra para minimizar as tensões produzidas quando a distância se sobrepõe à proximidade, o que é comum nos namoros dentro do cenário urbano de hoje.

O primeiro recurso utilizado pelo par amoroso para responder às demandas decorrentes das arestas que o distanciamento, forçado ou não, produz no relacionamento, é o estabelecimento explícito de orientações, por meio de acordos informais, que conduzem o comportamento de cada membro da díade³. Uma das primeiras orientações consiste na concordância de que a falta de tempo, sobretudo quando produzida pelos compromissos profissionais, deve ser tolerada pelos parceiros. A individualidade e a autonomia também são fatores a serem preservados no contexto do namoro, em razão de sua centralidade na sociedade contemporânea. E esse dado aponta para a valorização da liberdade individual que, como afirma Bauman (2004) é um dos principais atributos das relações

³ A noção de orientação foi preferida à de regra por remeter menos a um caráter de obrigatoriedade, de código, e mais a uma idéia de acordo informal estabelecido pelo casal por meio de conversas e negociações.

peçoais hoje. Um determinado limite, contudo, que não é claramente definido, deve ser imposto ao distanciamento e ao individualismo. O afastamento ostensivo, principalmente quando somado à falta de comunicação, costuma ser lido como abandono, indiferença e desligamento do vínculo, enquanto o individualismo radicalizado é traduzido como falta de afeto pelo parceiro, o que rompe com a regra de reciprocidade de sentimentos. A comunicação regular é um dos principais fatores que pretendem abrandar as tensões produzidas pela distância entre os namorados. Por isso, quando ela é escasseada, há uma sinalização de debilitação do vínculo, expressa pela falta de interesse de um ou de ambos os parceiros entre si. Outro elemento que adquire um papel central, no equilíbrio desse jogo, é a confiança. A ela outorga-se a função de não somente reforçar a crença na fidelidade afetiva e sexual do outro significativo, mas de garantir a constante reafirmação do comprometimento com a relação. Se o cotidiano de um casal de namorados raramente implica em um convívio diário, os ideais de comunicação e confiança, que reafirmam o interesse e a disposição em investir na parceria amorosa, devem ser diariamente produzidos para que as tensões sejam equilibradas.

No que se refere às percepções produzidas em função do gênero, encontramos algumas diferenças de visão entre homens e mulheres com respeito a essas questões pontuadas acima. Para os informantes do sexo masculino, a divisão de tempo e disposição entre as demandas do relacionamento amoroso por um lado, e dos interesses particulares por outro, reflete subjetivamente de maneira menos dilemática que para as informantes do sexo feminino. Algumas entrevistadas, divididas entre um modelo tradicional, a partir do qual a mulher se dispõe a priorizar os interesses masculinos e do relacionamento, e um modelo contemporâneo, em que igualitarismo entre os gêneros deve prevalecer em todas as questões da parceria amorosa, reconheceram que costumam renunciar mais a pequenos desejos pessoais, cotidianamente, do que seus parceiros. Essa renúncia, contudo, para algumas delas, se reverte num dilema, expresso, pela simultânea valorização desses paradigmas tradicionais e contemporâneos.⁴ O que é, acima de

⁴ Esse dado reafirma a importância simultânea de modelos tradicionais e contemporâneos na orientação do comportamento feminino no relacionamento amoroso. Se a mudança no estatuto das mulheres que ocorreu a partir da década de 1960, produziu novos parâmetros, os tradicionais ainda cumprem um papel na construção desse quadro comportamental feminino. O que essa questão revela não é exatamente uma dicotomização, mas uma justaposição entre esses padrões.

tudo, priorizado por essas mulheres, porém, é a vontade de passar mais tempo com o parceiro, que as leva a optar pela dedicação de uma parte importante de seu tempo ao namoro. Outras informantes que se mostraram dispostas a fazer concessões em prol do parceiro e da convivência do casal, afirmaram que o fazem sem maiores problemas, também por uma questão de escolha pessoal, o que reforça a idéia de que não são regras ou códigos sociais que informam esse comportamento feminino, mas o desejo pessoal, alicerçado muitas vezes, em ideais românticos tradicionais. As escolhas femininas entre o tradicional e o contemporâneo são feitas em função desse desejo pessoal, e das demandas específicas que a relação produz em suas diversas dimensões. Com relação às renúncias referentes à carreira, contudo, as mulheres foram menos flexíveis, enfatizando o caráter indispensável da profissão para a conquista de realização pessoal no contexto de vida atual.

O trecho abaixo do depoimento de Sabrina levanta algumas questões que traduzem visões femininas expressas nas entrevistas:

Eu estou correndo atrás da minha vida, da minha carreira de atriz, então eu ponho isso, depois da minha família, em primeiro lugar. Mas acaba que isso é meio que mentira, entendeu? Porque o namorado acaba tomando um espaço bem grande na programação da minha semana, em função das mudanças que tenho que fazer por causa da falta de tempo dele. Isso é uma coisa que até me incomoda um pouco, mas não tem jeito. Não tem uma rotina não, a gente não é um casal rotina, tipo dorme todo dia junto, não tem isso. Eu acho bem importante isso, porque a gente é namorado, a gente não é casado. Se a gente casar já vai ter essa obrigação de dormir todo dia junto, porque se não dormir todo dia junto tem alguma coisa errada. (Sabrina)

De maneira geral, as informantes conferiram à carreira uma centralidade fundamental dentro de um quadro prioritário de metas e objetivos de vida. Assim, a concessão em favor do relacionamento, quando se reflete numa renúncia, por menor que seja, de intenções que envolvem a carreira, pode se tornar um dilema para essas mulheres, como no caso de Sabrina. Implícita nessa questão encontra-se a exigência por uma simetria rigorosa na divisão que cada um dos gêneros deve fazer em função da individualidade por um lado, e da parceria, por outro. Se algumas entrevistadas, como afirmamos acima, não consideram problemática a atenção maior que conferem ao relacionamento, em relação a alguns objetivos

individuais, para outras, existe uma clara expectativa em torno de um investimento equilibrado no relacionamento por parte de ambos os parceiros. Outra idéia expressa na narrativa de Sabrina, e que foi repetida por outras mulheres, está contida num princípio que visa a demarcação das fronteiras entre namoro e casamento. O caráter de obrigatoriedade que o ato de dormir junto adquire na relação matrimonial, até mesmo como um traço determinante do bem-estar no casamento, não deve somente ser substituído pela liberdade de opção do casal de dormir ou não junto no namoro. Quanto menos essa ação se repetir, mais claramente estarão estabelecidas as fronteiras entre o namoro e o casamento. Os hábitos de proximidade e convivência intensivas, que segundo algumas entrevistadas devem ser seguidos com parcimônia pelos namorados, revelam um cuidado em não produzir uma ambigüidade entre esses dois modelos de relacionamento amoroso, a fim de que um caráter de compromisso e dependência maiores entre os parceiros, que devem ser da ordem do casamento, sejam evitados no namoro. Esse ponto é importante, porque quando discutimos com os entrevistados sobre a questão do projeto da diáde, a noção de compromisso passou a ter um destaque importante entre as percepções do grupo como um todo. Se, por um lado, nas obrigações e disposições cotidianas, o compromisso entre os namorados deve ganhar flexibilidade e menor rigidez, por outro, através do planejamento comum do casal, ele é reafirmado. Essa questão será analisada na parte final deste capítulo.

As representações masculinas acerca da relação distância/proximidade no namoro enalteceram de forma mais incisiva questões como autonomia e liberdade entre o par. Alguns informantes apontaram limites, contudo, que devem ser impostos ao individualismo, e que visam resguardar o vínculo da fragilização, decorrente da falta de comunicação e de disposição para atender às expectativas do parceiro. Pedro representa bem esse quadro de impressões masculinas que identificamos:

“Eu acho importante manter contato, mas não necessariamente todos os dias. Tem que estar sempre próximo de alguma forma, poder se encontrar facilmente sem problemas. Agora também uma coisa bem leve para não ser uma obrigação, para não ficar uma coisa pesada assim, de ter que ligar. Porque depende do dia, às vezes é muito corrido. Tem que ser uma coisa mais solta nesse sentido, porque o contato tem que ser sempre com vontade. Também tem que ter uma

sensibilidade grande para não sumir, não se fechar. Acho importante ter essa comunicação bem aberta, bem próxima, mas não como uma obrigação. Porque um ou outro pode estar numa fase mais introspectiva, mas é importante ter a facilidade de acesso sempre.” (Pedro)

A valorização da disposição em atender às demandas da parceria relacionadas à busca por maior proximidade, e expressas pelo hábito regular de comunicação entre o casal, é um dos fatores que pretende equilibrar e até justificar a defesa da autonomia pessoal. Se por um lado essa fácil condição de acessibilidade, de contato, de comunicação entre os parceiros é enfatizada como uma qualidade fundamental da relação, por outro, há a defesa de idéias como liberdade, respeito ao espaço do outro e privacidade. Cada um deve se manter suficientemente próximo do parceiro, oferecendo a ele as possibilidades de acesso, e ao outro cabe entender quando a distância advém de uma necessidade interna e subjetiva do indivíduo, a qual deve ser respeitada. O discurso do informante revela como a relação de alteridade é idealizada em função de compromissos próprios e de expectativas em relação ao comportamento do outro, que na visão de cada entrevistado se apresenta de maneira singular. No que se refere a um quadro geral das entrevistas dos homens, tanto as perspectivas de preservação da própria dimensão interna, e dos interesses pessoais, quanto de abertura e disponibilidade de si para o outro foram enfatizadas. O equilíbrio entre os valores que priorizam a própria liberdade e individualidade – que devem estruturar uma relação em que os compromissos tenham um caráter mais espontâneo – e valores que se voltam para a atenção e cuidado com as necessidades do outro – que tendem a reafirmar a idéia de que o vínculo permanece sólido – deve ser sempre adequadamente garantido. Nesse sentido, os discursos masculinos defenderam que esse equilíbrio entre as necessidades do eu e do outro é fundamental na interação cotidiana, mesmo que não diária, entre o casal. Para os homens, essas questões como afirmamos anteriormente, não implicam tanto em tensão subjetiva. O equilíbrio entre proximidade e distância ancora-se na compreensão que o par deve ter em relação às exigências inerentes à individualidade, no contexto contemporâneo. Se o vínculo é valorizado através da disposição para otimizar os momentos divididos em comum pelo casal e de mecanismos como a comunicação regular, não há porque criar maiores conflitos. A demonstração de interesse e afeto pelo parceiro, porém, é indispensável,

principalmente quando os indivíduos dispõem de pouco tempo para o relacionamento. Quando a falta de comunicação, a dificuldade de acesso entre o par, e a escassez de sentimentos se apresentam cotidianamente no namoro, há sinais claros de que o vínculo definitivamente se debilitou. Fora disso, na visão masculina, a distância pode se reverter de maneira positiva na relação, através da realimentação do interesse recíproco entre o par e da vontade intensa de estar junto do parceiro. A saudade é, inclusive, expressa como um incremento benéfico à valorização do vínculo de amor e de paixão entre o casal. E a confiança torna-se fundamental, quando a distância é um fato na relação de namoro. Ela pretende ser um elo subjetivo que permite que os compromissos com o parceiro sejam constantemente reafirmados e resguardados, apaziguando as tensões decorrentes desse desbalanceamento entre distância e proximidade, a favor da primeira.

A partir desses dados sobre as impressões de homens e mulheres acerca da relação distância/proximidade, procuramos entender as razões que poderiam explicar porque para algumas mulheres essa relação é uma fonte de tensão, e para os homens, não. As tensões se referiam, sobretudo a pequenos atos de renúncia, por parte delas, a demandas da individualidade, em prol da disposição de passar mais tempo com o namorado. Em primeiro lugar, havia uma menção implícita à quebra da reciprocidade, qualidade fundamental das relações pessoais contemporâneas, já que os homens não se mostravam tão dispostos a abrir mão de seus interesses cotidianos. Mais profundamente, contudo, parecia expressar-se uma ambigüidade, contida nas relações pessoais da sociedade brasileira, entre os paradigmas tradicionais e modernos. Encontramos mais recorrentemente em nossa pesquisa, como ressaltamos em capítulo anterior, uma alternância entre esses parâmetros do que propriamente ambigüidade. Nesse caso, contudo, a tensão parecia se expressar por meio da indefinição entre uma posição tradicional da mulher que abre mão da própria individualidade pelo relacionamento, e uma posição moderna que enaltece um estrito igualitarismo nas relações dos gêneros. O próprio cenário contemporâneo, onde o individualismo e a autonomia pessoal são intensificados tanto entre os homens quanto entre as mulheres, parece contribuir para essa ambigüidade. As qualidades de liberdade e independência tornaram-se ainda mais fundamentais no universo masculino, atualmente, e no feminino, elas se contrapõem de forma expressiva aos paradigmas do passado.

Assim, no caso dessas informantes que se sentiram divididas entre os dois padrões, a ambigüidade se expressou na forma de uma tensão subjetiva. Se a sociedade brasileira guarda conflitos latentes entre o tradicional e o moderno, existe uma forte pressão social, no universo das classes médias, a favor do conteúdo moderno, o que nem sempre corresponde aos desejos das mulheres. Essa hesitação se ateve, entretanto, somente, a pequenas renúncias cotidianas, já que o grupo feminino defendeu uma postura claramente contemporânea no que se refere ao investimento na carreira. Nenhuma delas se mostrou disposta a abdicar dos maiores interesses profissionais em favor das demandas do namoro. Quando são projetadas situações de casamento, contudo, tanto homens quanto mulheres mostram-se favoráveis às renúncias até mesmo de metas profissionais em favor da parceria amorosa.

5.2.

O projeto profissional e a priorização da individualidade

Nesta parte do capítulo trataremos da questão do investimento no projeto profissional individual. Procuraremos entender, com isso, de que forma os valores do “eu” se relacionam com os valores do “nós”. Estariam os objetivos pessoais obrigatoriamente em conflito com os objetivos comuns do casal? Qual a relevância que a profissão e os estudos têm para os informantes do grupo, e quais as conseqüências para o relacionamento? Esses questionamentos nos direcionaram tanto durante as entrevistas, quanto ao longo das análises dos dados obtidos com elas, e o que encontramos foi um quadro diversificado de impressões.

De maneira geral, a profissão foi bastante valorizada pelos entrevistados, tendo a maioria declarado que o investimento profissional e nos estudos faz parte de um projeto de vida. Além disso, vários informantes afirmaram que trabalham naquilo que gostam, que exercem a profissão com prazer, o que aponta para uma visão contemporânea da questão. A busca pelo aperfeiçoamento profissional e pelo aprofundamento de conhecimentos foi defendida por estes não apenas como uma resposta às contingências do mercado, mas como um incremento benéfico ao

próprio indivíduo. Uma minoria de entrevistados trouxe, contudo, uma perspectiva tradicional em que a profissão é associada principalmente à idéia de sustento financeiro. Estas pessoas enxergam no investimento profissional a possibilidade de concretização de projetos comuns de casamento e constituição de família. Esse ponto revela como o planejamento profissional individual pôde ser relacionado por algumas pessoas do grupo à busca pela realização do casal, dos objetivos da díade. Nesses casos, os interesses profissionais estão subsumidos nos interesses do relacionamento amoroso. Essas representações tradicionais sobre o assunto não tiveram, entretanto, grande importância ou destaque ao longo da pesquisa. O grupo se dividiu entre os que consideram a profissão tão fundamental quanto o relacionamento amoroso, representando a maioria, os que dão preferência ao namoro, e os que priorizam a profissão. É importante frisar que as opiniões sobre a maior ou menor importância da carreira geralmente estiveram associadas a referências a contextos específicos de uma fase de vida que coincide com a do namoro, ou com um momento futuro de maior estabilidade, coincidindo talvez com a fase do casamento. O momento inicial da carreira demandaria um esforço e uma atenção maiores. Um dado importante, é que as mulheres eram maioria entre os que se posicionaram nos dois extremos, tanto com preferência pelo relacionamento, como pela profissão. Esse dado revela como modelos tradicionais e modernos convivem no imaginário feminino do grupo, e como esses paradigmas se perpetuam mais através das escolhas individuais do que das imposições normativas da sociedade.

Com relação à questão da divisão entre as intenções voltadas aos projetos do indivíduo e as direcionadas aos projetos da díade amorosa, entre os planos que reafirmam o “eu” e os que fortalecem o “nós”, o contexto do namoro não revelou maiores tensões.⁵ O namoro é concebido como uma forma de relação amorosa que não impõe grandes limitações ao desenvolvimento profissional individual, portanto esses objetivos diversos conseguem ser bem equilibrados. As tensões surgem imaginariamente nas projeções futuras de casamento, quando os interesses de cada um podem ser questionados pelos interesses do casal. A análise dos

⁵ A única tensão que identificamos foi a que mencionamos no tópico anterior referente ao comportamento feminino que subjetivamente tende a se segmentar entre o tradicional e o moderno. Esse dado refere-se, porém, como já ressaltamos, apenas a mudanças em pequenos planos cotidianos, e não ao ato de abdicar de projetos individuais importantes; disposição que não identificamos entre as informantes com referência ao contexto do namoro.

depoimentos nos ajudará a observar melhor a diversidade de fundamentações sobre essas questões.

5.2.1.

Profissão e visões contemporâneas

Identificamos nos depoimentos a modelação de um quadro de representações voltado para uma dimensão prioritariamente contemporânea da profissão. Apenas uma pequena parte do grupo afastou-se dessa concepção, atribuindo àquela, funções principais tais como o sustento financeiro, e a possibilidade mais concreta de realização futura de projetos, inclusive do casal.

Houve a incorporação ao discurso dos entrevistados de uma conotação acentuadamente contemporânea no que se refere às noções complementares de profissão, carreira, trabalho e estudo no interior da qual o prazer, a realização da pessoa, a autonomia, o igualitarismo entre os gêneros e a idéia de escolha são elementos fundamentais. Esse paradigma exalta, para além dos ganhos materiais, a idéia de benefício à individualidade. A profissão confere sentido à vida do indivíduo, e a carreira torna-se um investimento primordial na busca por satisfação e realização pessoais. A própria identidade é modelada e remodelada em função da opção profissional, de suas transformações e dos incrementos que ela vai ganhando ao longo da trajetória dos indivíduos. E quando os benefícios materiais unem-se aos simbólicos, constrói-se, então a situação ideal, a meta que os entrevistados declararam perseguir de unir o prazer à conquista de independência e prosperidade financeira.

André sintetiza em seu depoimento o padrão que encontramos nas entrevistas, priorizando as idéias de prazer e escolha, no que se refere à profissão e aos estudos:

“Eu faço o que eu gosto e vivo disso, o que é muito importante. Tem gente que vive fazendo o que não gosta a vida inteira... Eu faço o que eu gosto, e consigo viver, mas acho que se não conseguisse também eu faria da mesma forma. Acho importante fazer o que gosta, independente de ‘grana’. Senão você acaba tendo câncer, estresse, e tudo mais. Com relação ao estudo, eu pego a grana que eu

ganho com a minha carreira e invisto no estudo. Porque o estudo é uma coisa que agrega valor à sua experiência, à sua vida, faz bem para a cabeça, você não fica estagnado, você estuda, se diverte, bota a mente para funcionar”. (André)

A escolha da atividade profissional é feita principalmente em função da busca pelo prazer no exercício diário do ofício. O incremento material é um benefício a mais, que se torna secundário dentro de uma opção por um estilo de vida, na qual as idéias de bem-estar e de qualidade de vida são absolutamente centrais. O projeto de vida reúne ideais que se sustentam mutuamente. Assim, na visão de André, a própria conquista da saúde física da pessoa depende dessa integração entre qualidade de vida/prazer e exercício profissional. O estudo, como sinônimo de diversão e não de obrigação, é outro elemento capaz de sustentar essa meta de vida voltada principalmente para a garantia do bem-estar individual, subjetiva e fisicamente composto e integrado.

5.2.2.

Namoro X Casamento: Prioridades individuais e fusionais

A relação entre valores individuais e fusionais perpassou a discussão do grupo, principalmente ao longo dos debates sobre cotidiano, projeto profissional e projeto da díade. Com relação ao cotidiano do relacionamento, essa questão se revelou sob a forma de problematização entre noções de distância e proximidade no namoro. A equação entre as metas individuais, que ocupam um tempo maior da vida dos informantes, e o investimento na parceria amorosa, é feito com base em negociações e acordos informais entre o casal. Estes orientam o par a valorizar o desenvolvimento individual tanto próprio quanto do parceiro, a busca pela auto-realização e a ênfase na parceria e no apoio recíproco. A valorização das metas individuais do parceiro é representada como uma prova de amor e de desprendimento. A importância que a profissão adquire na vida dos indivíduos não deixa, contudo, de ser encarada como uma problemática para o relacionamento da díade amorosa. Isso ocorre, como afirma Salem (2007), porque de um lado encontram-se valores que tendem a preservar a idéia de casal e de outro, os que priorizam o indivíduo. Os parceiros encontram significado tanto em

suas existências individuais, quanto em sua expressão como casal, e quando essas representações entram em conflito, torna-se difícil a manutenção do relacionamento. Os entrevistados concordam, contudo, que no interior de uma relação de namoro esses conflitos tendem a ser minimizados pelo fato de que mesmo estando os projetos individuais em maior evidência, a relação amorosa não é posta em segundo plano em uma meta ideal. O que importa não é exatamente a quantidade de tempo que é dedicado a uma ou a outra esfera, mas a natureza qualitativa dessa porção. A meta dos entrevistados é que as duas esferas recebam porções qualitativamente iguais de dedicação e investimento, já que constituem os dois projetos centrais de suas vidas. O desequilíbrio a favor da individualidade refere-se mais a concretude diária da vida dos parceiros, do que a construções subjetivas em favor de prioridades individualistas.

Os informantes como um todo, tanto mulheres como homens mostraram-se receosos de enfrentar uma situação que os colocasse diante da necessidade de optar pela carreira ou pela relação amorosa. A narrativa de Júlia expressa a simultânea valorização da profissão e da relação amorosa e a tensão que envolve a divisão entre essas duas prioridades de vida:

“Eu penso muito na carreira. Eu já queria me formar e trabalhar. O escritório que eu estou está muito inflado, então eu fico pensando: ‘será que vai ter lugar para mim?’ Se daqui a dois anos eles falarem que gostam de mim, mas que aqui já está muito cheio, e que eles querem me mandar para São Paulo? Eu iria para São Paulo. O Márcio até falou: ‘ah, a ponte aérea Rio - São Paulo não é tão ruim’. Mas eu também não vou ficar me desesperando por isso, porque ainda faltam dois anos... É um assunto que mexe até com o meu namoro. Eu dou muita importância para os dois, a mesma importância. No abstrato, se eu tivesse que escolher, eu ficaria dividida porque eu não quero perdê-lo, mas também ficaria chateada de perder uma oportunidade de trabalho.” (Júlia)

A realização e a felicidade individuais dependem da simultânea valorização da carreira e da relação amorosa. Os benefícios que essas diferentes esferas da vida podem proporcionar aos indivíduos são indispensáveis. E por se tratarem de duas prioridades de vida, em que por um lado enfatiza-se a própria individualidade e por outro o bem-estar da díade amorosa enquanto unidade integrada, as tensões são direcionadas para as escolhas que englobam uma e excluem a outra. Quando um dos projetos, profissional ou amoroso, é posto em

cheque pelas demandas do outro, os processos de negociação, incorporados nas relações amorosas, buscam encontrar soluções e a conciliação entre metas individuais e projetos comuns. Se os direitos são iguais entre os dois indivíduos que compõem a díade amorosa, a ênfase na singularidade de cada um acaba gerando assimetrias (Heilborn, 2004). Um ponto que se destacou das reflexões do grupo refere-se à postergação dos conflitos para uma fase de casamento imaginariamente construída. No namoro, acredita-se que seja possível contornar os desbalanceamentos pelas razões que já apontamos. Já no casamento, o equilíbrio entre essas duas dimensões pode ser mais difícil de ser estabelecido, em função do aumento da demanda pela concretização dos projetos do casal. Voltaremos a esse ponto na próxima parte do capítulo.

A comparação estabelecida entre namoro e casamento assumiu uma importância particular na pesquisa, a partir de uma série de registros que os informantes fizeram entre as diferenças dos dois modelos de parceria amorosa, no que diz respeito às prioridades individuais e fusionais. Existe um consenso em torno da idéia de que o namoro pressupõe maior liberdade e autonomia entre os parceiros e que o casamento exige uma disposição maior de renunciar aos objetivos individuais. A dedicação à carreira e aos estudos é relacionada à fase da juventude, que coincide, normalmente com a relação de namoro. A busca pela concretização dos projetos individuais é fundamental e indispensável, sobretudo quando ainda não se estabeleceu um vínculo matrimonial entre o casal. O casamento e os filhos devem fazer parte de uma outra fase, em que a profissão já esteja solidificada. A inversão dessas escolhas pode gerar prejuízos à vida pessoal, já que um casamento antecipado pode tornar-se um entrave ao desenvolvimento da carreira e das aspirações individuais. É importante frisar que essa idéia de antecipação não se refere apenas à concretização do casamento, mas à criação prematura de padrões relacionais próprios deste, como os que impõem um comprometimento e uma dependência maiores entre os parceiros. Há uma ênfase na idéia de que a opção é em favor da própria vida, de um incremento à individualidade, que demonstra que no namoro, para esses informantes, a importância do investimento no “eu” supera a do investimento no “nós-casal”. Como afirmamos anteriormente, porém, isso não invalida o valor que a relação amorosa tem para esses entrevistados.

A posição preferencial à carreira, em detrimento do namoro por parte de alguns informantes, não impede que eles projetem para o futuro o desejo de estarem mais voltados para a parceria amorosa numa situação de casamento, e para uma possível família constituída pelo casal. A opção pela área profissional não se refere a uma meta absolutamente prioritária de vida, mas a um momento conjuntural desta, onde a fragilidade do status profissional e a falta de estabilidade financeira exigem uma atenção maior do indivíduo. Se por um lado o *exercício* da profissão é sinônimo de prazer para os entrevistados, por outro, o contexto contemporâneo torna a *conquista* das metas profissionais árdua, favorecendo um desequilíbrio na fase jovem da vida entre os objetivos das diferentes esferas da vida:

“Eu não me sinto no direito de recusar nenhuma oportunidade profissional até porque eu sou autônomo, não tenho carteira assinada, nem nada. Se eu não trabalhei ontem, hoje estou desempregado. É claro que por trás disso tem todo um momento do mercado. Mas eu curto muito isso de cada dia estar em um lugar, de conhecer pessoas novas... Eu aprendo muito no meu trabalho, não só sobre a minha profissão. A minha carreira é muito importante para mim, eu gosto muito do que faço, e procuro dar o meu melhor. Hoje, só por hoje a minha profissão é a minha prioridade. Até porque eu não cheguei até aonde eu quero chegar. Pode ser que um dia eu recuse trabalho para ficar com a minha mulher, com as crianças, mas hoje ainda tem muita coisa para ‘pilhar’.” (Eduardo)

A escolha pelo individual, em detrimento do fusional, é justificada tanto pelas incertezas do mercado profissional e pela ausência de vínculos de emprego, que não permitem a recusa de um trabalho, quanto por uma fase específica da vida, emoldurada por qualidades como liberdade, autonomia, individualidade. A juventude é lida como a fase da vida na qual a dedicação a si mesmo deve ser priorizada, até para que se possa futuramente construir uma condição mais sólida profissional e de vida. Essa visão se traduz pela relação, já mencionada, do namoro com um momento de vida em que a prioridade consiste no desenvolvimento pessoal, que quase sempre passa pelo intenso investimento na profissão e nos estudos. Em contraste, o casamento e a constituição de família são associados a uma fase de maior estabilidade financeira e profissional, que permite senão um cuidado maior com a vida privada, pelo menos um equilíbrio mais simétrico entre as exigências e aspirações oriundas do campo familiar e conjugal e

do campo profissional. É notável que diversos significados e referências que os informantes vêm estabelecendo em relação ao casamento assumem uma conotação substancialmente mais tradicional do que os conferidos ao namoro. Principalmente no que se refere às obrigações dos parceiros, se o namoro é um espaço de maior igualdade, autonomia, e investimento pessoal, no casamento, principalmente com filhos, a busca pela satisfação dos próprios projetos deve ser englobada por uma dedicação maior ao parceiro e à família.

5.2.3.

Sentimento e pragmatismo

Um ponto central das discussões refere-se à ênfase, a partir da problematização dos temas de projeto profissional, de vida e do casal de uma espécie de “retórica do pragmatismo”. Quando a profissão e o projeto de vida foram os assuntos centralizados, encontramos uma composição de argumentos que valorizavam tanto os sentimentos e as visões românticas quanto uma espécie de “consciência pragmática”. No entanto, mais à frente, quando tratarmos dos planos da díade, poderemos acompanhar o movimento da perda de sentido do papel dos sentimentos enquanto mecanismo sustentador da relação. Esses últimos cedem lugar às dimensões contratuais de reciprocidade, estabelecidas por esse pragmatismo. O depoimento de Paula ressalta esse padrão no que se refere à questão da importância da independência da mulher. Sua narrativa é composta por uma visão pragmática e por outra romântica/sentimental:

“Eu acho que no meu caso tem a ver com realização (a profissão), porque eu faço o que eu gosto, faço o que sempre quis fazer. E eu acho que no caso da mulher tem a ver também com independência. Tem o caso de uma amiga minha que veio do sul, teve dois filhos e não trabalha. Mais do que ficar na mão do cara, você fica na mão da relação. E isso é muito ruim, isso não é saudável para a relação, não é saudável para você. Então, é aquele jargão clássico de que as mulheres se tornaram mais independentes. A pessoa que não tem uma carreira, é aquela que normalmente entra numa paranóia de tudo, é aquela que mais pensa besteira, vê problema em tudo, porque a pessoa não tem em que pensar. Mas eu acho que o relacionamento tem que ser mais importante. Porque com o trabalho, primeira coisa, ninguém vai pensar em você. É você sozinho, mas a sua família, o seu namorado são as pessoas que estão do seu lado e vão estar ao seu lado sempre. Então, em primeiro lugar, tem que vir eles. E eu sou uma pessoa muito

sentimental”. (Paula)

O discurso de Paula toca em pontos diversos e aponta para a valorização concomitante de paradigmas que há algumas décadas seriam antagônicos e mutuamente excludentes. Sejam os modelos utilizados modernos ou tradicionais, constituem uma rede de significados para a entrevistada. Há uma alternância entre essas visões que confere sentido ao modo como se estabelecem as prioridades individuais e fusionais. Ao longo da narrativa, as metas individuais são enaltecidas e a carreira torna-se um centro não apenas de realização, mas até de equilíbrio para o sujeito, ao mesmo tempo em que a família e o namoro são consideradas as esferas mais importantes da vida. Se o sentimento é centralizado na fala, suas reflexões demonstram uma espécie de “consciência pragmática” a respeito da relação entre trabalho, sustento financeiro e relacionamento amoroso. E essa relação é construída em torno da importância conferida à independência financeira feminina frente ao homem em qualquer contexto relacional amoroso. O pragmatismo fundamenta a centralidade do elemento de reciprocidade entre os parceiros, como um mantenedor do bem-estar e do equilíbrio do relacionamento. O romantismo expresso pela ênfase na superioridade da relação amorosa e do outro significativo é complementado por essa orientação prática que visa salvar a relação de tensões promovidas por expectativas e condições desiguais entre os parceiros. O sentimento, embora seja o elemento principal da relação, não parece ser capaz sozinho de sustentar uma parceria que não seja guiada por essa orientação. Na próxima parte do capítulo, veremos que o sentimento perde essa posição prioritária, que passa a ser assumida pela dimensão contratual que pretende garantir uma simetria entre as expectativas do casal para o futuro.

5.3.

Projetos da parceria amorosa: o resgate do fusional

Questionamos o grupo a respeito da questão do projeto comum do casal, com o objetivo de capturar impressões sobre a importância que o planejamento

em parceria tem para a lógica associativa e relacional do namoro. Buscávamos entender se a centralização em torno de intenções que perpassam a programação, negociação e concretização de projetos apresentava significados efetivos para a reafirmação do vínculo. Talvez pelo fato de termos entrevistado casais com mais de um ano de namoro, identificamos uma tendência ao planejamento tanto por parte dos homens quanto das mulheres. É neste sentido que nos referimos no capítulo anterior a uma noção de seriedade da relação de namoro. O namoro foi representado, recorrentemente entre o grupo, como uma preparação para um compromisso maior de casamento e de formação de uma família. E esse quadro não se alterou em função das diferentes idades e trajetórias dos indivíduos. O planejamento entre a díade foi entendido como um traço indicativo de solidez, comprometimento, e interesse pelo parceiro e pela relação amorosa. Além disso, o projeto comum foi descrito também como uma motivação necessária à construção e diagramação do contexto amoroso. A partir dessa leitura, a vontade e a disposição de formular projetos comuns foi vinculada aos sentimentos de amor e de amizade e à idéia de parceria e lealdade. Note-se, que assim como no capítulo anterior, identificamos uma alternância de padrões através dos dados obtidos. Quando discutimos a relação projeto profissional individual/namoro, encontramos uma série de representações que apontavam para um espaço maior de autonomia e independência entre os parceiros no namoro, comparativamente ao casamento. Quando passamos, porém, ao debate sobre o projeto da díade, o foco central passou a girar em torno da idéia de comprometimento com a perenidade e o futuro da relação.

O conceito de amor confluyente de Giddens (1993) é importante para entender essa lógica, já que a partilha igualitária de afetos e sentimentos torna-se mais clara e acentuada quando os dois parceiros se mostram igualmente dispostos a planejar e a pensar no futuro da relação amorosa. A ênfase no aspecto fusional da relação, mesmo que projetada para o futuro, torna-se fundamental para equilibrar as tensões que decorrem da priorização dos projetos de realização pessoal, constantemente mais acentuados no namoro. Se no cotidiano do namoro a autonomia entre os parceiros é marcante, ela deve ser complementada pela intenção presente ou futura de investir na díade e inverter esse quadro de prioridades. A dimensão contratual da relação amorosa, bem mais esvaziada no

namoro que no casamento, na concepção dos entrevistados, ganha destaque no momento em que são projetados contornos de sustentação e reforço do vínculo, através de compromissos futuros, como o próprio casamento. Como afirma Aboim (2006), o casal começa efetivamente a ser um nós através da formulação de um projeto comum. Essa afirmação, feita pela autora com relação a casais unidos matrimonialmente na sociedade portuguesa, mostrou-se fundamental na narrativa de alguns informantes do grupo que entrevistamos. E o desejo de se constituir e de permanecer como casal passa por essa disposição e por uma modelação do namoro marcada pelas idéias implícitas de seriedade e compromisso.

Um dado importante sobre a questão do projeto comum do casal foi que, apesar de termos questionado os informantes diretamente sobre o assunto, este esteve presente nas respostas de outras perguntas que realizamos. Foi comum encontrar idéias sobre o planejamento futuro da díade em discussões que se referiam à amizade, fidelidade, cotidiano e representações sobre o relacionamento amoroso. Isso já nos revelava a centralidade da questão antes mesmo que a expuséssemos. O que se mostrou realmente relevante para os casais não parecia ser, contudo, o estabelecimento de uma data para a concretização do projeto ou mesmo a certeza absoluta de que ele se realizaria da maneira como vinha sendo discutido, mas o próprio ato e disposição para o planejamento. Essa atitude voltada para a projeção em torno de objetivos conjuntos da parceria amorosa, continha um potencial organizador e normatizador, capaz de expressar o comprometimento dos parceiros entre si, com o próprio namoro, e a intenção voltada para a conquista da perenidade na relação amorosa.

Uma outra referência fundamental nas entrevistas foi a questão do pragmatismo. Na parte anterior deste capítulo, ele se apresentou como um complemento ao sentimento, na busca pela sustentação do vínculo. Ainda assim, o sentimento detinha a primazia desse papel. Na discussão do projeto do casal, essa posição se inverteu, e a “consciência pragmática” passou a dirigir a negociação dos parceiros voltada para a concordância em torno dos objetivos da relação. Mais ainda, o pragmatismo veio enunciar a importância da reciprocidade e da dimensão contratual da relação amorosa, que pretende dar sentido ao namoro, a partir do planejamento e do comprometimento mutuamente acordado.

5.3.1.

O amor sob a forma de escolha e compromisso

A discussão do projeto do casal resgatou uma condição inicial do encontro amoroso expressa pela idéia de escolha. Essa escolha de um indivíduo particular, como parceiro amoroso no início do namoro, é renovada quando os projetos comuns começam a ser concebidos. Implicitamente, é como se a descoberta do amor, da pessoa ideal, do encantamento recíproco entre dois indivíduos voltasse a se manifestar com a mesma intensidade que no começo do relacionamento, a partir da disposição para criar planos futuros comuns. O desejo inicial de compor a díade amorosa é reafirmado, no momento em que alguns dos objetivos e desejos mais importantes da vida pessoal passam a ser divididos entre o par, e principalmente, quando o parceiro é incluído neles. Como já dissera Simmel (2006) e mais recentemente Lipovetsky (2007), uma das aspirações mais profundas do ser desde a modernidade é ser considerado uma subjetividade única e insubstituível. E essa se torna uma demanda importante, completa Lipovetsky, num mundo em que domina a lógica individualista-narcisista. No caso de nossa pesquisa, o próprio ato de se pensar em um projeto comum importante como o de ter filhos, ou de passar a uma relação de coabitação, já agrega novos e expressivos significados para os informantes. A vontade de estabelecer metas, planos comuns, independentemente de data para a sua concretização, permite que o conhecimento e o entendimento dos parceiros entre si se intensifique. A partir daí, o relacionamento se altera de maneira relevante, assumindo um novo status. O mecanismo de renovação da escolha, deflagrado com a disposição para criar projetos do casal, é complementado por outra idéia fundamental às construções narrativas do grupo: o compromisso. Desse modo, a própria relação passa a se fundamentar no comprometimento com o vínculo amoroso, determinado pela vontade de investir na perenidade da relação e na sua transfiguração na forma do casamento. Todo um processo de negociação, conversas e trocas em torno de projeções futuras se estabelece entre o casal. A negociação inclui principalmente a busca pela conciliação entre as expectativas de cada parceiro. Quando o namoro encontra-se numa fase mais adiantada não apenas de formulação, mas de concretização de projetos do casal, o laço de união é ainda mais fortalecido. Se,

como disse Aboim (2006), o casal começa a se tornar mais cedo um nós com a formulação dos projetos, a busca efetiva pela concretização destes, parece reforçar mais intensamente o vínculo. E é capaz de promover uma inversão de um estatuto do namoro, em que os valores autônomos superam os fusionais na experiência cotidiana e nos planos mais imediatos. Assim, os projetos da díade passam a ser mais importantes e englobam os objetivos individuais. O amor confluyente (Giddens, 1993), desse modo, enquanto parâmetro relacional que valoriza a igualdade das trocas, torna-se imprescindível no momento em que até os interesses individuais são incorporados pelos do casal. Deve haver sobretudo, um equilíbrio de expectativas e de esforços entre o par amoroso em torno do plano comum da díade. E é essencialmente a partir dessa mobilização de forças, realizada pelos dois parceiros, que a motivação que o casal encontra para concretizar o projeto se sustenta e se fortalece.

O compromisso simbólico enunciado entre os parceiros a partir dessas colocações torna-se marcante e passa a ser acompanhado por um conjunto de regras. Entre as regras mais importantes está a do igualitarismo/reciprocidade. Se algumas assimetrias entre o casal são toleradas com relação às obrigações profissionais individuais, no que se refere à disposição e à expectativa em torno da criação e da concretização de projetos da parceria, uma absoluta simetria deve se manifestar entre o par.

Encontramos na obra de Thales de Azevedo (1981), que descreve as regras que dirigiam o namoro antigo, do final do século XIX e início do século XX, na sociedade brasileira, pontos semelhantes com a forma como a noção de compromisso foi enunciada nas entrevistas. De acordo com a pesquisa do autor, o compromisso entre os parceiros, naquele contexto histórico e social do país, englobava uma maior obrigatoriedade entre os mesmos e exigia uma declaração expressa por parte do homem quanto à intenção de casar-se com a mulher. A iniciativa da mulher nesse sentido era improvável, embora não impossível. O namoro era uma preparação para um compromisso de casamento. De forma bastante interessante, esse padrão se repetiu em nossa pesquisa, com algumas modificações, sobretudo no que diz respeito à autonomia dos gêneros. A declaração voltada para o desejo de tornar a relação de namoro perene, e de transformá-la em casamento, também foi considerada fundamental entre uma

parte importante do grupo. A diferença principal é que ela deve ser realizada de forma sincrônica pelos parceiros, e não necessariamente através de verbalização formal, mas de acordos firmados por meio de conversas espontâneas. O fato, contudo, do contexto em que essas conversas se realizam ser mais informal, não diminui o caráter de obrigatoriedade entre os parceiros com relação aos projetos estabelecidos num nível subjetivo e simbólico. O compromisso declarado entre o casal não pretende hoje atender às formalidades sociais, que tornavam essa ação obrigatória há algumas décadas, após a afirmação do vínculo de namoro, mas oferecer uma garantia aos planos simbólico e subjetivo de que o acordo será cumprido pelos dois. A natureza optativa atual da manifestação de comprometimento torna a questão ainda mais interessante. O padrão tradicional ainda é capaz de orientar esse comportamento do par, sendo que hoje ele é acionado em função da escolha individual e não mais em resposta às convenções sociais. E isso vale também para a afirmativa de Azevedo de que o namoro constituía uma ponte para o casamento. No caso de nossos informantes, divididos em nove casais com mais de um ano de relação, a meta de transpor o namoro e estabelecer um vínculo conjugal, revelou-se recorrente e expressiva tanto no discurso de homens quanto de mulheres.

Um outro ponto fundamental, apreendido da obra do autor, coincidente com as reflexões abstraídas dos depoimentos, está contido na declaração de que o namoro não é um fim em si mesmo, tampouco um passatempo passageiro que visa atender às satisfações mais imediatas da afetividade. Essa afirmação sustenta duas de nossas conclusões. A primeira enfatiza a idéia de comprometimento entre os namorados, e a segunda, e mais importante, pretende legitimar e dar significado à própria relação de namoro a partir da projeção do casamento. Veremos como se processa esse último mecanismo, e como o pragmatismo aparece nos discursos na forma de recurso para se alcançar uma média entre as expectativas dos parceiros.

5.3.2.

O pragmatismo a serviço da sustentação do namoro

A primeira constatação auferida a partir da enunciação da “consciência pragmática” no contexto da discussão dos projetos do casal, foi a de que os afetos perdem o papel principal de sustentadores da relação. Há um esvaziamento até mesmo dos sentimentos de amor e amizade, tão importantes na problematização de alguns temas da pesquisa. A segunda questão fundamental, que reafirma uma reflexão do capítulo anterior, é a de que o namoro passa a depender de outras estruturas relacionais para continuar justificando a sua permanência. A amizade responde por um lado a essa demanda, garantindo que elementos como companheirismo, confiança, cumplicidade e parceria prolonguem o bem-estar da relação. Aquela, no entanto, não pode atender sozinha à busca pela perenidade e sustentação do vínculo. A projeção em torno de desdobramentos do namoro, principalmente numa relação de casamento, é fundamental, na perspectiva da maior parte dos entrevistados. O casamento, desse modo, na forma de compromisso projetado para o futuro, é outro modelo relacional que vem legitimar o namoro. E o pragmatismo envolve os parceiros de um senso de realismo, que direciona e regula o processo de construção comum de projetos. Alguns depoimentos são significativos nesse sentido:

“Se você não tem uma meta pra atingir, se você não tem um objetivo a cumprir, pra que você está com a pessoa? Não tem muita lógica. Você tem que estar com a pessoa, pensando que vai ter alguma coisa no futuro. No início do namoro, talvez isso não importe muito. Pensando no início do meu namoro com o Marcelo, a gente gostava das mesmas coisas, mas tudo bem, a gente não pensava muito no futuro. Acho que, depois de um ano, a gente viu que a coisa ia ficar séria, pensamos : ‘os nossos objetivos vão ser os mesmos?’ Porque se não forem, pra que a gente está perdendo tempo? Porque eu acho que não é só gostar da pessoa, eu acho que você tem que ter metas em comum. Senão não adianta amor, não adianta nada, porque você vai estar jogando energia no lixo. Você vai estar com uma pessoa que não quer a mesma coisa que você, vai estar forçando a barra e aí o relacionamento não vai dar certo”. (Luiza)

“A gente tem muitos projetos juntos, um deles é casar. Comprar um apartamento juntos também. Eu acho que a gente já tem esses projetos porque a gente está junto há bastante tempo, três anos. É uma construção. Eu acho que isso fortalece o namoro, **você sabe que não está ali perdendo tempo, namorando por namorar.** É fundamental ter objetivos do relacionamento”. (Sandro)

*“Se você está com uma pessoa com quem você não consegue projetar nada, nem visualizar na frente, é uma relação que tem tempo para acabar. Conseguir visualizar um projeto duradouro, uma vida em comum... é muito mais confortável; **você sabe que está construindo uma coisa que não é em vão**”.*
(Priscila)

Para além dos projetos específicos, os informantes se referem, de maneira genérica, a metas e objetivos traçados em comum pelos parceiros amorosos, que vêm responder a essa escassez de significado na relação de namoro. Na narrativa de Luiza, há uma ênfase na necessidade de um reconhecimento mútuo que os parceiros devem promover entre os seus planos para o futuro da relação, com o objetivo de medir o grau de conciliação das expectativas dos dois indivíduos. Esse reconhecimento expressa um caráter pragmático intensificado, que se contrapõe a própria idéia de amor, e que busca evitar o “desperdício de energia” do casal num relacionamento que não tem como perdurar. O amor não é capaz de sustentar uma relação de namoro, na qual os parceiros não compartilhem dos mesmos objetivos. O sentimento é claramente superado por essa noção de pragmatismo, na busca de uma visualização prévia das possibilidades do vínculo ser mantido. O sentido da existência do laço entre os namorados passa, assim, a depender dessa mutualidade de intenções. Como o namoro não é um fim em si mesmo, a falta de objetivos, que ultrapassem suas próprias fronteiras, após algum tempo de relação, faz com que ele deixe de produzir sentido para justificar a permanência do vínculo. E essa renovação necessária de sentido no namoro, passa, muitas vezes, pela projeção futura do casamento, onde os valores fusionais sejam intensificados.

A formulação de projetos e a visualização de um futuro para o relacionamento tornam-se conquistas do casal, em vista da dificuldade de se estabelecer vínculos duradouros hoje. Se os parceiros conseguem estabelecer uma união duradoura, em que os projetos futuros da díade possam ter uma perspectiva de realização mais concreta, os níveis de bem-estar e de segurança conquistados individualmente, são intensificados de maneira considerável. Essa questão nos remete às reflexões de Bauman (2004) acerca da fragilidade dos vínculos humanos na contemporaneidade, que inspiram insegurança nos sujeitos. Quando um vínculo amoroso se fortalece, a ponto de se refletir em projeções futuras, os ganhos pessoais são grandes, em função da considerável instabilidade que envolve

os laços humanos hoje. Essa concentração em torno da satisfação individual, que se espera obter das relações, vem ocorrendo, segundo o autor, porque a satisfação que as relações reais produzem é insuficiente. As recompensas que elas podem oferecer, contudo, são bastante valorizadas pelos informantes. A escolha por um relacionamento perene é feita em função da centralidade que as relações amorosas assumem na vida particular dos indivíduos. O esforço empreendido no processo de fortalecimento do vínculo é, desse modo, compensando pelos benefícios excepcionais que um namoro estável, e que inspire segurança, pode proporcionar à vida de uma pessoa. E a medida da solidez do relacionamento está contida, acima de tudo, na visualização de projetos comuns do casal para o futuro.

Esses dados sobre o pragmatismo remetidos ao vínculo do namoro mostraram-se fundamentais nas construções narrativas do grupo. Assim, não se deve apostar no experimentalismo irresponsável, na “perda de tempo”, no imprevisível e na gratuidade já no próprio namoro. A falta de significado do namoro em si mesmo, acaba levando o par a transformá-lo numa espécie de “maquete pragmática do casamento”, onde se deve evitar “perdas e danos” e atingir-se uma média racional eficiente, entre as intenções dos parceiros, para a legitimação e sustentação do namoro. Esse padrão foge inteiramente aos ideais românticos, que imaginávamos que seriam a ancoragem determinante para a manutenção do vínculo. Parece-nos que isso se deva à busca incessante por conferir sentido ao namoro, e que se expressa igualmente através da incorporação de outros modelos de relação pessoal como a amizade. Esta se mostrou, contudo, insuficiente para atender sozinha a uma demanda tão importante. O casamento, enquanto meta futura do casal veio complementar essa base de sustentação, legitimação e justificação da permanência do vínculo. Se o namoro tradicional encontrava mérito no compromisso de casamento, mais por determinações sociais do que por opção, o que encontramos demonstra a persistência desse padrão, acionado pela livre escolha dos indivíduos.

5.3.3.

A passagem do individual ao fusional

Uma última questão deve ser pontuada em função de sua centralidade para os resultados deste trabalho: a passagem do individual ao fusional na relação do casal. Como vimos, desde o começo do capítulo, o namoro expressa um desbalanceamento a favor dos valores individuais, no que se refere às metas e objetivos mais imediatos dos indivíduos que compõem a díade. A conjuntura contemporânea contribui para esse quadro, já que a conquista das aspirações profissionais normalmente exige um gasto alto de energia e tempo. Além disso, o fato de a profissão incorporar uma noção de prazer no exercício do ofício, capaz de agregar valor à individualidade, confere a essa esfera da vida, um papel de grande importância para a construção da identidade e conquista do bem-estar dos sujeitos. Dessa forma, quando nos remetemos aos projetos individuais, sobretudo profissionais durante as entrevistas, os informantes trouxeram um conjunto de valores e significados, voltados para as noções de autonomia, independência, renúncia e apoio entre os parceiros. Algumas assimetrias na dedicação à parceria são toleradas, principalmente quando justificadas pelos compromissos profissionais. Assim, o namoro, durante a fase da juventude, não deve trazer prejuízos para o desenvolvimento pessoal indispensável à felicidade dos indivíduos. Quando passamos às reflexões sobre o projeto comum do casal, contudo, os valores fusionais foram resgatados, através da disposição para modelar planos comuns para o futuro, constituindo o casamento, nesse ponto, a referência principal. A prática cotidiana do namoro exalta um desequilíbrio a favor do individual, tanto por meio das escolhas, quanto das obrigações diárias da vida. Com isso, o fusional é postergado para o casamento, justamente através dos mecanismos de planejamento comum que se estabelecem entre o par. A transferência do fusional para o futuro sustenta um valor simbólico fundamental, que reafirma o compromisso com o relacionamento, capaz de produzir um nível maior de tolerância com as exigências das metas individuais do parceiro. O equilíbrio entre o individual e o fusional no namoro ocorre, então, principalmente através da complementaridade entre as metas mais imediatas dos indivíduos e as metas futuras da díade. E o casamento é representado como o espaço por

excelência do fusional. A nossa pergunta final é de que forma isso poderia se dar no casamento se as condições, valores e estilos de vida do casal não poderiam ser substituídos da noite para o dia? Enquanto um jogo subjetivo entre presente e futuro, namoro e casamento, porém, essa condição de equilíbrio é possível de ser estabelecida.